

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SÃO CARLOS
CENTRO DE CIÊNCIAS BIOLÓGICAS E DA SAÚDE
DEPARTAMENTO DE TERAPIA OCUPACIONAL**

Thainara Jardim Cardoso

Práticas afrorreferenciadas na pesquisa em terapia ocupacional: experiência formativa como produção de cuidado e de conhecimento engajados

**SÃO CARLOS
2025**

Thainara Jardim Cardoso

Práticas afrorreferenciadas na pesquisa em terapia ocupacional: experiência formativa como produção de cuidado e de conhecimento engajados

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado para obtenção do título de
Bacharel em Terapia Ocupacional pela
Universidade Federal de São Carlos
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Carla Regina Silva

**SÃO CARLOS
2025**

Cardoso, Thainara Jardim

Práticas afrorreferenciadas na pesquisa em terapia ocupacional: experiência formativa como produção de cuidado e de conhecimento engajados / Thainara Jardim Cardoso -- 2025.
22f.

TCC (Graduação) - Universidade Federal de São Carlos, campus São Carlos, São Carlos
Orientador (a): Carla Regina Silva
Banca Examinadora: Jamile Ferreira dos Santos
Bibliografia

1. Terapia ocupacional. 2. Saúde da população negra. 3. Danças. I. Cardoso, Thainara Jardim. II. Título.

Ficha catalográfica desenvolvida pela Secretaria Geral de Informática (SIn)

DADOS FORNECIDOS PELO AUTOR

Bibliotecário responsável: Arildo Martins - CRB/8 7180

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus e todas as forças divinas que me permitiram chegar até aqui.

Agradeço a minha família, meus pais Sandra e Derenício por sempre me guardarem, me protegerem e estarem comigo mesmo de longe. Agradeço às minhas duas irmãs, Nicolle e Nathalia. Nathalia, mesmo que entre brigas, sempre ofereceu conforto e uma palavra amiga. Nicolle, por me ensinar o amor mais puro que já pude sentir.

Agradeço ao meu companheiro de vida Bruno, que me incentivou e acreditou em mim, me viu sorrir e chorar e me permitiu acreditar em meus sonhos mais loucos! Por todos os momentos que eu não acreditei em mim e ele me ensinou a me amar tanto quanto eu o amo!

Agradeço aos encontros que a graduação me proporcionou, especialmente às pessoas que seguirei junto na minha vida: Lara, Malê, Leo, Duda e Vitória! Obrigada pelas partilhas, afetos, risadas e lágrimas! Tudo que passamos juntos está gravado em mim pra sempre!

Agradeço à minha coorientadora Flor de Alice, por estar comigo, ouvir meus desabaços e me ajudar a me tornar uma melhor profissional e pesquisadora! Agradeço também ao Erickson, que no início desse processo me incentivou a trilhar e chegar no que este trabalho se tornou hoje!

Por fim, agradeço à minha orientadora extraordinária e sempre companheira Carla Regina Silva, sempre muito carinhosa, afetiva e acreditando em minhas ideias. Eu não chegaria até aqui sem seu apoio incondicional!

Dedico este trabalho a todas as estudantes de terapia ocupacional negras que em algum momento não se sentiram pertencentes a essa profissão! Nós estamos juntas!

*De um reino distante eu vim
Nigéria, Congo, benin
Dentro de um porão escuro atravessei o negro
oceano sem fim
Tudo o que tinha eu deixei
Em Porto Novo embarquei
Sete voltas na Árvore do Esquecimento eu dei
Mas guardei na alma minha bagagem
Memórias de força e coragem
Palavra, oração, ancestrais
Tambores, sabores e cores demais
Uma tal riqueza nunca se viu
Toda essa beleza veio de navio
A África negra foi recriada no Brasil
(Canção de Bloco Afro Ilú Oba De Min, 2022)*

RESUMO

O artigo tem como objetivo apresentar e refletir sobre a experiência de uma estudante de terapia ocupacional no papel de pesquisadora auxiliar em uma pesquisa de doutorado. Esta pesquisa investiga processos de cuidado afrorreferenciado com pessoas pretas e pardas por meio das danças negras na interface com a terapia ocupacional. A metodologia consistiu em um estudo de caso reflexivo, baseado na análise temática de diários de campo e registros de sua experiência, durante o trabalho de campo, que incluiu a realização de oficinas com jovens negros em Campinas-SP e a participação em uma “roda de saberes” realizada para compreender o cuidado vivenciado na perspectiva das(dos) participantes. Os resultados destacam a centralidade da experiência para a formação profissional, ao contribuir para o desenvolvimento de um raciocínio de cuidado sensível, repertório de práticas afrorreferenciadas, além da condução de grupos. O estudo reforça o papel da pesquisadora auxiliar como elemento constitutivo e transformador, evidenciando como a experiência se mostrou uma ferramenta potente para a produção de cuidado e conhecimento. Por fim, são destacados a identidade e o pertencimento como eixos fundamentais para a conexão e o cuidado, revelados pelo contato com diferentes formas de fazer e viver a terapia ocupacional.

Descritores: pesquisa qualitativa, saúde da população negra, dança, terapia ocupacional

Afro-referenced Practices in Occupational Therapy Research: Formative Experience as Engaged Production of Care and Knowledge

ABSTRACT

This article aims to present and reflect on the experience of an occupational therapy student in the role of a research assistant in a doctoral study that investigates care processes with Black and Brown people through Black dances in interface with occupational therapy. The methodology consisted of a reflexive case study, based on the thematic analysis of field diaries and records of her experience during the fieldwork, which included conducting workshops with Black youth in Campinas-SP and participation in a focus group held to debate the preliminary analyses of the research, all from the perspective of Afro-referenced occupational therapy. The results highlight the centrality of the experience for professional training, as it contributed to the development of a clinical reasoning sensitive to Afro-referenced practices, in addition to skills in group facilitation. The study reinforces the role of the research assistant as a constitutive and transformative element, demonstrating how the experience proved to be a powerful tool for the production of care and knowledge. Finally, identity and belonging are emphasized as fundamental axes for connection and care, revealed through contact with different ways of doing and living occupational therapy.

Keywords: Qualitative Research, Health of the Black Population, Dance, Occupational Therapy

SUMÁRIO

1 Introdução.....	8
2 Objetivo.....	10
3. Procedimentos Metodológicos	11
4. Resultados e discussão	12
4.1 A experiência como parte do processo formativo em terapia ocupacional	13
4.2 A construção da identidade e do pertencimento a partir da experiência afrorefrenciada em terapia ocupacional.....	15
5. Conclusões	19
6. Referências	20

1. Introdução

No Brasil, a racialização da população negra consolidou-se como um mecanismo de desumanização e dominação de corpos negros e indígenas, submetidos a séculos de escravidão e ao apagamento sistemático de suas memórias e identidades. Último país independente das Américas a abolir a escravidão, em 1888, o Brasil não adotou não adotou políticas ou reparações capazes de amparar toda uma população que foi violentada (Pereira & Magalhães, 2023).

Para além das dimensões políticas, econômicas, sociais, religiosas e outras relacionadas ao poder e dominação, é possível identificar também os impactos de como um determinado projeto científico contribuiu e sustentou o racismo ao longo da história. Segundo Jaccoud (2008), ainda que tenha surgido associado ao período escravista, o racismo no Brasil intensificou-se e se estabeleceu como um discurso robusto no pós-abolição, momento em que o conhecimento científico foi instrumentalizado para justificar hierarquias entre raças e a “inferioridade biológica dos negros” (Jaccoud, 2008, p. 45), fomentando, assim, políticas eugenistas, dominação racial e o ideal de embranquecimento da população brasileira.

Diante da constituição histórica e de séculos de reprodução de violações de direitos contra a população negra no país, ainda que não tenham sido criadas leis segregacionistas explícitas, as discussões acerca das relações étnico-raciais e do racismo tornam-se cada vez mais efervescentes ainda na atualidade.

De acordo com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a população negra são aquelas autodeclaradas no censo como pretas e pardas, classificação utilizada neste estudo. Com isso, entendemos a categoria “raça” como um instrumento sociopolítico, atrelado às estruturas de poder e aos mecanismos de controle social, sendo utilizada também para a manutenção das desigualdades instauradas (Almeida, 2021).

Se o debate sobre os estigmas, violências e estereótipos impostos à população negra já é, por si só, denso e complexo, a discussão sobre práticas de cuidado específicas para esse grupo constitui uma camada ainda mais ausente e restrita no campo acadêmico.

O cuidado, ao longo dos anos, foi negado aos corpos negros, reproduzindo uma lógica do racismo estrutural e não-humanização. Segundo Almeida (2021), o racismo estrutural é a ideia da existência de uma ordem social racista que rege e domina as relações institucionais, reproduzindo o racismo de forma explícita ou não. A partir disso, para o autor a reprodução de tais práticas racistas ocorre de forma a parecer “normal” nas instituições, sendo a única forma de combatê-las através da aplicação de práticas antirracistas efetivas (Almeida, 2021).

Se o racismo estrutural opera de maneira a normalizar a exclusão, no âmbito da saúde essa lógica se materializa na precarização do acesso, no atendimento negligente e na invisibilização das demandas específicas da população negra. Portanto, a discussão sobre práticas antirracistas não pode ser dissociada de uma crítica radical às estruturas que perpetuam a violência institucional nos espaços de cuidado, exigindo, como destaca Barbosa, Oliveira & Corrêa (2023), uma reavaliação das políticas de saúde, a partir do reconhecimento da raça/cor como um marcador fundamental das experiências de vulnerabilidade e resistência.

Nesse contexto, a terapia ocupacional também apresenta lacunas em suas abordagens de cuidado no campo das relações étnico-raciais. Sendo uma profissão que desde seus primórdios estão ancorados no estudo das ocupações, atividades humanas, bem como na promoção da inclusão e participação social de sujeitos historicamente marginalizados, é necessário que seus profissionais reconheçam e compreendam os mecanismos de exclusão e dominação, condição fundamental para a construção de uma prática profissional comprometida, antirracista e verdadeiramente implicada com os cotidianos de pessoas e coletivos (Silvestrini, Silva & Almeida Prado, 2019).

Mesmo que na história da profissão no Brasil, a maioria dos sujeitos com quem os profissionais cuidem sejam negros, as recentes pesquisas mostram que ainda há ausência de um aprofundamento nas relações étnico-raciais (Amorim et al., 2020).

Ambrosio (2023) denota que a abordagem das relações étnico-raciais nos cursos de terapia ocupacional em sua maioria é realizada de maneira transversal e optativa, tratando apenas como um eixo da “diversidade humana”. Na pesquisa realizada, o autor aponta que se considerarmos profissionais formados até 2020, 62% afirmam nunca ter tido contato com temáticas étnico-raciais durante a graduação, enquanto 33% dizem ter tido algum contato e 4,5% não souberam responder (Ambrosio, 2023). Tal estudo evidencia ou enfatiza a ausência de preparo dos profissionais com a temática.

Diante a lacuna apontada, adotamos a perspectiva de uma terapia ocupacional orientada por um cuidado afrorreferenciado. Segundo Costa, Santos & Costa (2021), tal abordagem constitui um compromisso ético de reparação e (re)localização dos sujeitos negros no mundo ocidental, considerando todas as feridas causadas pelo colonialismo.

a abordagem afrorreferenciada em Terapia Ocupacional pretende responder a necessidade de uma postura ética, técnica, estética e política para o não apagamento do conhecimento científico, filosófico dos saberes e fazeres de origem negra-africana, a partir das modalidades de existência impressas no fazer cotidiano dessas pessoas (Costa, Santos & Costa, 2021, p.142).

Ambrosio (2023) descreve tais práticas não como aquelas que enfocam as mazelas do colonialismo ou do racismo impostas à população negra, mas como aquelas que abrem caminhos para possibilidades, para a construção de um protagonismo e para a emancipação social que conjunto com o sujeito. Ademais, a perspectiva afrorreferenciada visa à promoção de uma nova história, baseada em “representatividade e na valorização de identidades étnico-raciais antes silenciadas e suprimidas em estereótipos racistas” (Ambrosio, 2023, p. 301).

Desse modo, a terapia ocupacional afrorreferenciada configura-se como uma forma de transformação e resistência frente aos referenciais hegemônicos ocidentais, que ao valorizar a arte, cultura, conhecimento integrado da cultura negra e afrodiaspórica, ainda que seja um grande desafio para a sociedade brasileira e para os países que enfrentam os processos histórico da colonização e das colonialidades atuais.

A partir disso, o presente artigo pretende apresentar uma experiência de cuidado afrorreferenciado produzida no campo da pesquisa de doutorado intitulada “Dançando curas: processos de cuidado de corpos pretos e pardos em terapia ocupacional e danças negras”. A experiência é descrita a partir da experiência vivenciada por uma estudante de graduação em terapia ocupacional, atuando como pesquisadora auxiliar do referido estudo.

Os processos de cuidado ali vivenciados transcenderam os corpos dançantes, atingindo também toda a equipe envolvida. A experiência demonstrou que as vivências naquele espaço, ainda que singularmente por cada pessoa, produziram camadas de cuidado que, com frequência, foram historicamente negadas aos corpos negros.

2. Objetivo

O artigo tem como objetivo analisar as percepções e reflexões de uma estudante-pesquisadora de terapia ocupacional sobre a produção de cuidados afrorreferenciados, a partir de sua experiência como pesquisadora auxiliar no campo da pesquisa de doutorado em andamento "Dançando Curas". Buscou-se, portanto, examinar o impacto dessa vivência na sua compreensão sobre os processos de cuidado com corpos negros e discutir suas implicações para a construção de conhecimento e de uma prática terapêutica ocupacional antirracista e potente para o cuidado de pessoas negras.

3. Procedimentos Metodológicos

Trata-se de um relato de experiência reflexivo, ancorado na vivência da autora, estudante de terapia ocupacional, pesquisadora auxiliar de pesquisa e mulher negra em uma pesquisa de doutorado. A pesquisa de doutorado tem como objetivo investigar os processos de cuidado afrorreferenciado de pessoas negras, a partir das danças negras e a terapia ocupacional.

A pesquisa de abordagem qualitativa, orientada pela escrevivência (Alves, 2023), ofereceu quatro encontros de cuidado grupais, com duração de duas horas, intitulados “Dançando Curas”, realizados semanalmente em um espaço cultural na região central de Campinas-SP, para facilitar o acesso. Participaram 11 jovens autodeclarados negros (nove mulheres e dois homens), com idades entre 22 e 29 anos, representando diferentes regiões da cidade.

Os encontros foram semanais, com duração de 2h e ofereceram um cuidado grupal orientado pela experimentação/vivência de atividades afrorreferenciadas, como escalda pés, contação de itãs¹, dentre outras, tendo como principal “foco” a experimentação das danças negras. Cada encontro era guiado por um elemento da natureza (terra, água, fogo e terra), e possuía uma estrutura autoral que vem sendo sistematizada pela pesquisadora como cotidiano, cura e coletivo (Fernandes & Silva, 2025).

Portanto, a divisão dos encontros se iniciava pelo I. cotidiano, momento de conexão e reflexão a partir de uma dinâmica proposta (como escalda pés, dinâmicas com oralidade etc.), II. a cura, em que os participantes se colocam em roda e experimentaram as danças com movimentos e músicas planejados e que se relacionavam com o elemento da natureza, e III. o coletivo, dedicado a composição coletiva de uma dança em que cada participante contribuiu com um movimento próprio que simbolizasse sua relação com o elemento do dia.

Por fim, no último encontro foi realizada uma roda de saberes, após o momento coletivo de danças negras, com o intuito de compreender o processo de cuidado na perspectiva das pessoas que participaram.

A pesquisa foi realizada por uma equipe multidisciplinar majoritariamente composta por pessoas autodeclaradas negras, o que se mostra como algo significativo no decorrer da experiência. Ao total, foram sete pessoas envolvidas, sendo estas: a orientadora, responsável pela contribuição com os planejamentos dos encontros e a construção de um raciocínio profissional para a condução das dinâmicas, a

¹ Segundo Ruy do Carmo Povoás (2004) itã é uma palavra iorubá que significa qualquer história ou conto do sistema nagô de consulta a divindades. São histórias contadas oralmente e que, no Brasil, ajudaram a compor o imaginário popular brasileiro, tomando como forma animais, plantas e seres divinos.

pesquisadora e responsável pela idealização e aplicação prática, condução dos encontros, o apoio técnico representado também por uma estudante de terapia ocupacional, que contribuiu para as questões operacionais, como organização do espaço e gravação de áudio, três pessoas responsáveis pela produção audiovisual da pesquisa e a pesquisadora auxiliar.

Como auxiliar de pesquisa, a estudante contribuiu com a organização do espaço, preparação para os encontros, transporte de materiais, recepção das pessoas participantes, entre outros. A estudante também esteve presente em três encontros remotos realizados para planejamento e orientação coletiva do trabalho de campo. A estudante produziu diários de campo, além de contar com os registros imagéticos que foram realizados para a pesquisa.

Os diários de campo são ferramentas importantes na produção de relatos de experiência. Segundo Minayo, esse instrumento se destaca como um importante aliado do pesquisador, contendo as “percepções, angústias, questionamentos e informações que não são obtidas através da utilização de outras técnicas” (Minayo, 2001, p. 63).

Neste trabalho, nos dedicamos à análise temática (Braun & Clarke, 2006) dos diários de campo e demais registros da pesquisa, dos quais foram utilizados para a seleção de temas sobre a experiência, em especial como o cuidado de corpos negros estava sendo realizado.

4. Resultados e discussão

A análise dos dados seguiu os preceitos da análise temática, conforme proposto por Braun e Clarke (2006), foi realizado um processo de seis etapas que serão descritas a seguir.

- I) Ocorreu a familiarização com o corpus, por meio de leituras exaustivas e reflexivas dos diários de campo e demais registros, incluindo as reflexões e anotações das reuniões de planejamento realizadas com a orientadora do trabalho, a escuta das músicas e atenção às letras das músicas utilizadas nos encontros e a apreciação dos conteúdos imagéticos produzidos nos encontros (fotografias e vídeos). Essa etapa também contou com uma familiarização teórica, em que a pesquisadora se debruçou sobre as produções de pesquisa da terapia ocupacional afrorreferenciada e das danças negras.
- II) Códigos iniciais foram sistematicamente gerados, de acordo com a frequência em que apareciam nos diários de campo, identificando elementos de interesse nos dados relativos à experiência formativa e aos processos de cuidado. Nessa etapa, os diários de campo foram analisados em busca de frases ou

palavras que remetessem ao pertencimento e a identidade e em como eles se relacionavam com a formação e com a experiência vivida.

- III) Os códigos identificados como identidade e pertencimento então foram agrupados em potenciais temas, sendo identificados por cores, que foram revisados e refinados para garantir que representassem com precisão o conjunto de dados.
- IV) Após esse processo, os possíveis temas foram revisados de acordo com as vivências e com os dados coletados, a fim de que fossem coerentes com a produção desta pesquisa.
- V) Nesta etapa os temas foram definidos e nomeados, culminando na produção desta análise, que tece a narrativa dos resultados em diálogo com o referencial teórico da terapia ocupacional aforreferenciada.
- VI) Por fim, os dados foram reunidos e organizados para a produção deste trabalho.

A seguir apresentamos duas principais temáticas encontradas, em que foi possível discutir a relação do conhecimento aforreferenciado com a produção de conhecimento engajada em terapia ocupacional.

4.1 A experiência como parte do processo formativo em terapia ocupacional

*Foram me chamar
Eu estou aqui, o que que há?
Eu vim de lá, eu vim de lá pequenininho
Mas eu vim de lá pequenininho
Alguém me avisou pra eu pisar nesse chão devagarinho)
(Dona Ivone Lara - Dona Ivone Lara)*

Diante do que foi apresentado, é possível discutir as contribuições da experiência relatada no âmbito do meu processo formativo em terapia ocupacional². A experiência aparece como elemento fundamental para mim, que ao ver todos os acontecimentos com o olhar do outro, ou seja, o olhar externo ao que estava acontecendo, fui capaz de me reconhecer como parte do todo.

Para Collins (2022), isso ocorre porque as experiências são capazes de moldar os sujeitos, tornando-se um processo de estar e viver no mundo, considerando suas interações, em que os indivíduos se movem entre os lugares coletando experiências e as carregando para cada novo contexto em que se inserem (Collins, 2022).

Para a autora, as experiências não ocorrem apenas a partir da observação, porque mesmo na posição de observadores os sujeitos são ativos na construção dos

² Para melhor explicitar as temáticas encontradas, elas serão expostas em primeira pessoa, devido a imersão da pesquisadora auxiliar nos processos de cuidado e em sua vivência nesta experiência.

significados e do imaginário a partir do pensamento crítico. Percebo isso a partir de uma quebra nas hierarquias e na valorização dos modos horizontais de produção de conhecimento, em que a equipe de apoio se sentiu tão parte do processo que se torna parte intrínseca da atividade, sentindo em seu corpo os efeitos de cuidado ali produzidos. Isso é explicitado no seguinte trecho do diário de campo, logo no segundo dia de encontros:

“Enquanto estava ali, percebi que as músicas e os movimentos afetam meu corpo e pareciam afetar os corpos da equipe de apoio também. Estar neste espaço somente com pessoas pretas me fez sentir segurança, acolhimento e uma felicidade que se reverberou em todo meu corpo” (trecho do diário de campo da pesquisadora auxiliar)

A partir disso, os processos vividos, incluindo os planejamentos, a compreensão das atividades, a observação da condução de um grupo, entre outros, foram capazes de provocar a reflexão e aprendizados sobre a prática da terapia ocupacional afrorreferenciada para o outro e em meu próprio corpo, como mulher negra. Isso é exemplificado quando a pesquisadora decidiu trazer, no segundo encontro, frases de personalidades negras, para trabalhar o tema da raiva. Nesse caso, quando a pesquisadora escolheu utilizar citações, músicas e referências da cultura negra para trabalhar o tema da raiva, permitiu que a identificação e o processo de cuidado fossem sentidos por mim também. Essa escolha tornou-se ainda mais significativa porque foi realizada durante uma das reuniões de planejamento para os encontros, em que discutimos acerca de nossas percepções sobre o encontro anterior.

Certamente, participar das reuniões de planejamento foi crucial para a minha construção do raciocínio profissional e de intervenção, visto que aconteciam logo na semana seguinte aos encontros tornando a organização coerente com os processos grupais que estavam acontecendo. Nesse sentido, os planejamentos serviam também como uma forma de pensar o cuidado para aquele grupo específico, sendo conduzido a partir das experiências dos encontros anteriores e das percepções de cada integrante do grupo de pesquisa sobre os acontecimentos. A construção das propostas grupais sempre levava em consideração o que cada uma de nós havia sentido do grupo, embasado também na elaboração de dinâmicas e propostas afrorreferenciadas ou com inspirações e diálogos com epistemologias afro-brasileiras ou afrodiáspóricas que fossem coerentes e lineares com esse grupo em específico.

Diante disso, essa experiência foi capaz de transformar e reinventar meu processo formativo na graduação de terapia ocupacional, visto que ao mesmo tempo em que estava exercendo um papel de produção de conhecimento dentro da equipe de pesquisa, pude vivenciar um espaço de cuidado para pessoas negras dentro do âmbito universitário, contribuindo para uma formação alinhada com uma terapia ocupacional crítica e afrorreferenciada, que se preocupa com as especificidades dos corpos e de suas histórias.

Por tratar-se de uma prática sob a perspectiva afrorreferenciada, destaco a importância para minha formação do contato com os fazeres-saberes da pesquisadora que conduziu o projeto. Como uma mulher negra e terapeuta ocupacional, observar sua maneira de preparar e conduzir aquele grupo composto por pessoas negras, pensando nos detalhes de cada corpo presente e todas as histórias que eles traziam me fez sentir que o cuidado ali produzido era carregado de significados e potência, sendo importante que aquele tipo de cuidado fosse pensado e preparado por uma pessoa negra. Em um dos momentos do *coletivo*, isso foi enfatizado.

“também me chamou atenção porque ela [participante] aparenta ter um repertório e referências corporais muito valiosas, mas não sabe muito bem como demonstrar isso. [A pesquisadora] é essencial para ajudá-la, no sentido de perceber as referências que tem e traduzir isso em um movimento. (trecho do diário de campo da pesquisadora auxiliar)

Dessa forma, fazer parte da experiência num espaço em que eu pudesse me ver e me sentir segura durante a graduação mostrou-se essencial, especialmente porque espaços seguros como esses são dificilmente encontrados na graduação em terapia ocupacional. Ambrosio (2023), destaca em sua tese que em pesquisa realizada com estudantes que se autodeclararam negros da graduação de terapia ocupacional de diferentes universidades do Brasil, mais da metade dos participantes (57%) responderam que não se sentiam pertencentes no curso. Ao aprofundar o assunto, os participantes relataram se sentir mais pertencentes em espaços que contassem com a presença de outros estudantes negros, evidenciando a necessidade de vivências como as relatadas aqui para a construção do senso de pertencimento e identidade de estudantes negros nas universidades. Diante disso, Souza, Souza & Silva (2024) destacam a importância de espaços e experiências afrocentradas e afrorreferenciadas na graduação.

Portanto, promover espaços que discutam e tragam aspectos da cultura negra e afro-brasileira oferece a oportunidade de se construir uma universidade realmente representativa e que valoriza o negro e a potência das diversidades envolvidas. Assim, a experiência também nos inspira como terapeutas ocupacionais, e futuros terapeutas ocupacionais, para o exercício com compromisso ético de práticas que tenham um potencial de empoderar e transformar realidades (Souza, Souza & Silva, 2024, p.2591).

4.2 A construção da identidade e do pertencimento a partir da experiência afrorreferenciada em terapia ocupacional

Foi possível identificar como os processos vividos foram capazes de produzir cuidado para mim a partir de dois eixos que se entrelaçam: a identificação e o pertencimento.

Analisando os diários de campo, consegui lembrar dos acontecimentos vividos, e notar que a identificação com os participantes da pesquisa aparece de forma explícita, demonstrando que perceber a semelhança com o outro também foi capaz de produzir cuidado, reflexão e afeto pelos acontecimentos presentes.

Dessa maneira, a partir da análise dos diários e refletindo sobre o processo de identificação, eu consegui repensar minha trajetória a partir dos acontecimentos ali vividos, sentindo a experiência do cuidado em meu próprio corpo, quando ouvia histórias e vivências parecidas com as minhas. Trago isso em um dos trechos de meus diários de campo, no elemento Terra.

“Nos sentamos em roda e começamos a contar nossas recordações com a Terra. Quando uma participante fala sobre sua conexão e remete aos seus avós, relembro de minhas próprias experiências com esse elemento e com minha família, como se um filme passasse em minha cabeça. As brincadeiras na terra molhada, o sítio em que meus avós trabalhavam.” (trecho do diário de campo da pesquisadora auxiliar)

A partir dessa experiência, consegui sentir e perceber um fortalecimento de minha identidade, ocupando esse espaço e esse papel como mulher negra, vivenciando um espaço com outras referências de cuidado e cultura, que foram negadas ao longo de minha trajetória.

É necessário destacar que as mulheres negras, historicamente, passaram e passam por processos de silenciamento e apagamento de suas histórias e cultura, especialmente em países colonizados, como o Brasil. Para Lima (2023), o silenciamento da população negra ocorre em diversos setores da sociedade como os do trabalho e da educação, corroborando com suas identidades distorcidas e o embranquecimento de suas experiências ao decorrer da vida. Lélia Gonzalez, importante historiadora escritora negra, traz também a noção do racismo como forma de “fragmentação da identidade racial que ele produz: o desejo de embranquecer (de “limpar o sangue”, como se diz no Brasil) é internalizado, com a simultânea negação da própria raça, da própria cultura (Gonzalez, 1988, p. 73).

Associado à alienação e à domesticação da população negra, Frantz Fanon (1952) traz como consequências os sentimentos de inferioridade e negatividade das pessoas negras sobre si mesmas. Fanon (1952) traz à tona a perspectiva de que é a desumanização imposta sobre o povo negro que o faz tentar se igualar ou se inserir junto aos brancos. Nesse sentido, o autor também cita um despertamento do negro em seu próprio corpo, visto que diante do colonizador branco seu corpo, cultura e cor são vistos desde desvios comportamentais até da própria aparência física.

Embora sejam experiências da população negra como um todo, as experiências do racismo atravessam de forma mais violenta as mulheres negras, que de acordo com a teoria da interseccionalidade de Kimberlé Creenshaw (1989), vivenciam de forma

única e distinta o racismo e o sexismo no cotidiano, entre outras matrizes de opressão. Destaco isso especialmente porque vivi essa experiência como uma mulher negra em um grupo majoritário de mulheres negras, inclusive a pesquisadora e condutora do grupo.

Os sentimentos de inferioridade e submissão são evidenciados em um dos trechos que descrevi durante os encontros, quando uma das participantes apresenta certa dificuldade para se impor diante do grupo. Esse foi um momento importante abordado, já que através da experiência pude traçar um paralelo com minhas vivências pessoais.

Nesse momento me identifiquei muito (...). É muito comum que pessoas pretas, especialmente mulheres, se submetam e deixem de realizar coisas que gostariam de fazer, devido à anos sendo subjugadas. É difícil para nós bater o pé e impor o que queremos, sem cair em estereótipos racistas colocados pelos brancos sobre nós, como a negra raivosa (trecho diário de campo da pesquisadora auxiliar)

Durante a análise dos diários de campo, percebi que conforme me identificava com alguma experiência relatada pelo grupo, memórias de minha trajetória eram trazidas à tona, porém não de uma forma dolorosa. As lembranças surgiram de forma a promover uma autorreflexão, com a sutileza de perceber que estávamos em um espaço seguro, que além de preservar a memórias, valorizava a ancestralidade e a cultura negra. Nesse sentido, o espaço se tornou acolhedor que até coisas usualmente consideradas simples tornaram-se transformadoras no meu corpo/processo. Em um dos momentos do *cotidiano* do segundo dia de encontros, a dinâmica preparada envolvia envelopes direcionados para os participantes, com seus nomes. O processo de me imaginar na experiência e a importância de ter meu nome lembrado foi evidenciado em um trecho de meu diário de campo.

“Confesso que me imaginei na experiência, e acho que se visse um envelope com meu nome, significaria muito. Ser lembrada e vista.” (trecho do diário de campo da pesquisadora auxiliar)

Neste momento, é notável que a forma de cuidado pensada aqui foi extremamente minuciosa e intencional para com este grupo. Tratando-se de um grupo de pessoas negras, a valorização de nossos nomes, mesmo que em um ato que pareça simples ao olhar do outro, foi capaz de reverberar em mim e no grupo a sensação de pertencimento, acolhimento e emoção. Lembro de ver as pessoas pegando seus envelopes e se emocionando ao verem seus nomes e todo o cuidado demonstrado ali.

Mesmo atuando como auxiliar de pesquisa e não participando efetivamente das dinâmicas propostas, me imaginar e me enxergar nas pessoas ali presentes me causou a sensação de pertencer ao grupo. Diante de minhas anotações após os

encontros, refleti muito sobre como meu papel ali também era de promover o cuidado para aquele grupo. Desde o momento em que chegava mais cedo, preparava o ambiente, cumprimentava as pessoas ao chegarem, conversava entre as danças e percebia como as trocas de experiências eram capazes de afetar e transformar os encontros. Pude perceber como cada um ali se portava ao entrar e ao sair do ambiente, de certa forma, também contribuiu para o protagonismo desse grupo, com a percepção de seus corpos diante de uma nova forma de valorização de nossa cultura, de nossa beleza e de nossas memórias.

Nesse sentido, a participação nesta pesquisa, que foge dos modos tradicionais e hegemônicos de produção de conhecimento, me permitiu vivenciar uma análise em que os participantes se expressavam através de seus corpos em movimento, reverberando em mim e nos meus processos internos.

Além disso, percebi como os corpos negros reagem a uma experiência afrorreferenciada e como meu próprio corpo também se transformava durante o encontro,

“(...)as músicas e o ambiente com apenas pessoas pretas e pardas foram fatores que influenciaram nisso, porque de fora eu me senti muito conectada com as músicas e senti vontade de movimentar meu corpo.” (trecho do diário de campo da pesquisadora auxiliar)

Dessa forma, trago a reflexão de como essa experiência afrorreferenciada vai de encontro com seu propósito inicial. As atividades afrorreferenciadas vividas foram capazes de promover em mim e no grupo a conexão com elementos ancestrais, partilhas de memórias e especialmente na construção de uma nova perspectiva, acerca da cultura e produção de conhecimento científico em conjunto com a população negra.

Para além disso, participar de uma pesquisa que realizou grupos de cuidado por meio das danças negras também possibilitou perceber as sutilezas de como esses corpos entraram e como eles saíram do espaço. Diante disso, o pertencer também se interliga diretamente com os processos corporais que aconteceram desde o primeiro dia de encontros, visto que a sinergia do grupo foi construída não só pelo acolhimento da atividade em si, mas também pelo próprio processo grupal de estar ali todos os sábados e conectar seus corpos uns com os outros, através das histórias, músicas e danças com epistemologias afrorreferenciadas. No último dia de encontro, relato a diferença de como o grupo estava mais conectado nos momentos do coletivo.

A dança foi muito agitada, cheia de movimentos marcantes e interações uns com os outros. As pessoas se olhavam nos olhos! Lembrei que no primeiro encontro, dançar com outra pessoa pareceu impossível, e hoje estavam todos tão conectados que cada movimento se encaixava perfeitamente com a música! Foi lindo! (Trecho do diário de campo da pesquisadora auxiliar)

Diante do exposto, as temáticas selecionadas para esta escrita buscaram percorrer minhas memórias e percepções em relação a experiência vivida, se debruçando inicialmente a categoria na qual se relacionava com a atuação profissional em terapia ocupacional dentro do âmbito das atividades afrorreferenciadas. Por conseguinte, dentro desta temática foi possível relacionar como a terapia ocupacional se mostrou como uma aliada do cuidado afrorreferenciado, utilizando os saberes de uma mulher negra e pesquisadora, e como este ambiente se mostrou favorável e transformador para a minha prática profissional como estudante de graduação.

Ao estar nesse lugar, dentro de minhas anotações nos diários de campo, consegui delimitar os dois principais eixos que me guiaram e me fizeram refletir durante esse processo: a identidade e o pertencimento, que se mostraram como uma categoria de extrema importância para que eu, mulher negra e estudante de terapia ocupacional, me colocasse como parte dos processos de cuidado proporcionados nestes encontros.

5. Conclusões

Este relato teve como intuito investigar a experiência como importante ferramenta nos processos de cuidado em terapia ocupacional, a partir das vivências de uma estudante da graduação no papel de pesquisadora auxiliar em um projeto de doutorado em terapia ocupacional.

Ao decorrer do artigo, a perspectiva afrorreferenciada mostrou-se essencial para a vivência desta experiência, por se tratar de uma estudante negra observando e ao mesmo tempo vivenciando processos de cuidado afrorreferenciados para pessoas negras. A partir disso, foi possível também produzir o conhecimento científico a partir do que foi vivido visto que foram capazes de despertar na estudante a capacidade de reconhecer e viver a ciência não como forma de dominação e exploração, mas como ferramenta essencial para a transformação social (Versiani & Jaumont, 2016).

Os resultados e discussões são capazes de contribuir para o debate acerca das experiências afrorreferenciadas dentro da formação em terapia ocupacional e em outras áreas do conhecimento, investigando as estratégias utilizadas pelos estudantes negros para se sentirem pertencentes e se fortalecerem dentro de uma universidade e de um curso de graduação que ainda não promovem discussões e espaços seguros suficientes para esta população.

Ademais, entende-se que mais investigações e vivências são necessárias para discutir a experiência como forma de produção de cuidado e conhecimento na terapia ocupacional, especialmente com a perspectiva afrorreferenciada, explorando as formas de ser e estar sendo uma pessoa negra dentro da universidade. Corroborando com uma terapia ocupacional crítica e afrorreferenciada (Silvestrini, Silva & Almeida

Prado, 2019) em que os sujeitos são compreendidos de forma integral, sendo legitimados e valorizados sua subjetividade, história e contexto. A experiência relatada buscou também mostrar que existem formas de produzir conhecimento científico ao mesmo tempo em que se vivencia o cuidado, dando luz a práticas contra-hegemônicas e decoloniais no processo formativo em terapia ocupacional.

6. Referências

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **Racismo estrutural**. São Paulo: Sueli Carneiro; Editora Jandaíra, 2021.

ALVES, Adnã Ionara Maria. **Danças de cordão umbilical: sabenças, memórias e escrevivências na encruzilhada do tempo**. 2023. Dissertação (Mestrado em Artes da Cena) – Instituto de Artes, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.47749/T/UNICAMP.2023.1499129>. Acesso em: [coloque a data de acesso].

AMORIM, Sulamita Gonzaga; MARTINS, Sofia; LEITE JUNIOR, Jaime Daniel; FARIAS, Magno Nunes. "Asfixias sociais" da população negra e questões para a Terapia Ocupacional. **Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional - Revisbrato**, Belo Horizonte, v. 4, n. 5, p. 719-733, 2020. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.47222/2526-3544.rbto36144>. Acesso em: 19 mar. 2024.

AMBRÓSIO, Alekin Antonio. **Manifesto Negro: experiências negras da formação à prática em terapia ocupacional**. 2023. Tese (Doutorado em Terapia Ocupacional) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2023. Disponível em: <https://repositorio.ufscar.br/handle/ufscar/18735>. Acesso em: 19 mar. 2024.

BARBOSA, Ana Cláudia; OLIVEIRA, Roberta Gondim de; CORRÊA, Roseane Maria. Cuidado em Saúde e mulheres negras: notas sobre colonialidade, re-existência e conquistas. **Ciência & Saúde Coletiva**, Rio de Janeiro, v. 28, n. 9, p. 2469–2477, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232023289.13312022>. Acesso em: 21 mar. 2024.

BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. **Qualitative Research in Psychology**, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006. Disponível em: <https://doi.org/10.1191/1478088706qp063oa>. Acesso em: 19 mar. 2024.

COLLINS, Patricia Hill. Interseccionalidade, experiência e comunidade. In: _____. **Bem mais que ideias: a interseccionalidade como teoria social crítica**. São Paulo: Boitempo, 2022. p. 223–265.

COSTA, Márcia Cabral; SANTOS, Anna Carolina; COSTA, Juli Cabral da. Terapia Ocupacional Afrorreferenciada. In: OLIVEIRA, Fernanda Nascimento Goulart de; TAKEITI, Beatriz Akemi Tamasso; CARVALHO, Claudia Regina Almeida de (Org.). **Terapia Ocupacional: Saberes e Fazeres**. v. 1. Curitiba: Brazil Publishing, 2021. p. 137-149.

CRENSHAW, Kimberle. Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics. **University of Chicago Legal Forum**, v. 1989, n. 1, p. 139-167, 1989. Disponível em: <https://chicagounbound.uchicago.edu/uclf/vol1989/iss1/8>. Acesso em: 19 mar. 2024.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Tradução de Renato da Silveira. Salvador: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2008.

FERNANDES, Flor de Alice Bispo; SILVA, Carla Regina. Dançando curas: corpos negros, identidades e a reinvenção de si na travessia. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MULTIDISCIPLINARES EM CULTURA, 21., 2025, Salvador. **Anais [...]**. Salvador: UFBA, 2025. p. 1-15. Disponível em: <https://www.enecult.ufba.br/modulos/submissao/Upload-751/161815.pdf>. Acesso em: 20 nov. 2025.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural de amefricanidade. **Tempo Brasileiro**, Rio de Janeiro, n. 92/93, p. 69-82, jan./jun. 1988. Disponível em: <https://biblioteca-repositorio.clacso.edu.ar/handle/CLACSO/216481>. Acesso em: 19 mar. 2024.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Censo Demográfico 2022: Identificação étnico-racial da população, por sexo e idade: Resultados do universo**. Rio de Janeiro: IBGE, 2022. Disponível em: <https://censo2022.ibge.gov.br/panorama/>. Acesso em: 19 mar. 2024.

JACCOUD, Luciana. Racismo e república: o debate sobre o branqueamento e a discriminação racial no Brasil. In: THEODORO, Mário; JACCOUD, Luciana; OSÓRIO, Rafael Guerreiro; SOARES, Sergei (Org.). **As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil: 120 anos após a abolição**. Brasília: Ipea, 2008. p. 69–94.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. 18. ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

PEREIRA, Aline dos Santos; MAGALHÃES, Lilian. Os impactos dos racismos nas ocupações da população negra: reflexões para a terapia e a ciência ocupacional. **Saúde e Sociedade**, São Paulo, v. 32, n. 2, e220400pt, 2023. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-129020232023e220400pt>. Acesso em: 19 mar. 2024.

PÓVOAS, Ruy do Carmo. **Itan dos mais-velhos: (contos)**. 2. ed. Ilhéus: Editus, 2004.

SILVESTRINI, Marina Sanches; SILVA, Carla Regina; ALMEIDA PRADO, Ana Carolina. Terapia ocupacional e cultura: dimensões éticas-políticas e resistências. **Cadernos Brasileiros de Terapia Ocupacional**, São Carlos, v. 27, n. 4, p. 929–940, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.4322/2526-8910.ctoARF1727>. Acesso em: 19 mar. 2024.

SOUZA, Ana Paula Alves de; SOUZA, Tamara Caroline Gonçalves de; SILVA, Carla Regina da. Práticas em Terapia Ocupacional e cultura: oficina de Bonecas Abayomi como um espaço de cuidado e fazer coletivo no ambiente universitário. **Revista Interinstitucional Brasileira de Terapia Ocupacional - REVISBRATO**, Belo Horizonte, v. 8, n. 3, p. 2585-2592, 2024. Disponível em: <https://doi.org/10.47222/2526-3544.rbt062560>. Acesso em: 19 mar. 2024.

VERSIANI, Renata; JAUMONT, Jonathan. A pesquisa militante na América Latina: trajetória, caminhos e possibilidades. **Revista Direito e Práxis**, Rio de Janeiro, v. 7, n. 1, p. 414–464, 2016. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/revistaceaju/article/view/21833>. Acesso em: 19 mar. 2024.